



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU

Joise Magarão Queiroz Silva (1); Mariza Silva Almeida (1); Co-autor (2); Edmeia de Almeida Coelho (3); Talita Lefundes Batista (4) Kelly Cruz Pimentel Sampaio (5)

1 Enfermeira, Mestre em saúde da mulher pela UFBA, especialista em enfermagem obstétrica pela Faculdade Bahiana de Medicina. Docente da UNIME Email: josita_114@hotmail.com; 2 Enfermeira, doutora em enfermagem, professora da escola de enfermagem da UFBA. E-mail: <marizaal@yahoo.com.br>; 3 Enfermeira, doutora em enfermagem, professora da escola de enfermagem da UFBA. E-mail: "edmeiacoeelho@yahoo.com.br" **4, 5, Enfermeiras, Alunas especiais de mestrado pela escola de enfermagem da UFBA.**

Resumo:

A maternidade acarreta transformações psicológicas, no que tange aos aspectos profissionais, sexuais, afetivos e familiares que configuram a identidade feminina. Trata-se de um recorte da dissertação de Mestrado. Objetivou-se analisar o significado da vivência de mães no Método Canguru. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. Realizado em duas Instituições Públicas no Município de Salvador-Ba. Mediante a realização de observação participante, entrevista semiestruturada e oficinas de reflexão. A produção empírica dos dados ocorreu durante os meses de julho a dezembro de 2013. Participaram dessa pesquisa 19 mães, sendo que 10 da instituição A e 09 da Instituição B, destas, somente 16 cumpriram os critérios de inclusão: idade mínima de 18 anos; estar em condições físicas e psicológicas para serem entrevistadas e/ou participarem das oficinas e ter no mínimo uma semana convivendo em uma enfermaria do MC de forma integral junto com seu (sua) RN. A frase construída e socializada de que 'ser mãe é padecer no paraíso' nos parece ter sido incorporada pela maioria das mães, pois mesmo relatando várias dificuldades para sua permanência na unidade canguru, refeririam estarem satisfeitas, pelo fato de poder está ao lado de suas crianças, embora ansiosas, com saudades de suas casas, marido e de outros (as) filhos (as). É fácil compreender essas questões de gênero ainda são fortemente vigentes nos dias atuais, reforçando a idéia da procriação e o papel feminino na realização dos afazeres domésticos, socialização d que os filhos(as), cuidados com outros como idosos, pessoas doentes entre outros.

Palavras Chaves: Método Canguru, cuidado e enfermagem, prematuridade.

INTRODUÇÃO

O amor materno, como demais sentimentos humanos, é incerto, frágil, profundo e impossível de ser mensurado apenas por um aspecto que diz respeito a permanência ininterruptamente ao lado do (a) filho(a). Contrariamente comum aos

seres humanos e não restrito a natureza feminina, as construções socioculturais acompanham a evolução das atitudes maternas, e como resultado tem-se o interesse e a dedicação à criança de modo diferenciado para cada mulher (BADINTER, 1985).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O amor materno, era considerado como pré-concebido, pré-formado, esperando-se só a ocasião para exercê-lo. Assim, diante da afirmativa de ser o amor materno inato e natural, como se pode explicar que esse sentimento, dito instintivo, se manifeste em algumas mulheres e em outras não? (MELLO, 2002).

Em relação à maternidade é de suma importância para a noção de feminilidade, destacar que a reorganização da identidade ameaçada leva tempo para se alcançar. É importante considerar que o fator biológico estabelece limites, e a forma de lidar com essa imposição dependerá da personalidade e das circunstâncias de cada mulher (MANSUR, 2003).

A maternidade acarreta transformações psicológicas, no que tange aos aspectos profissionais, sexuais, afetivos e familiares que configuram a identidade feminina, bem como a forma pela qual elas colaboram para a auto-realização da mulher. Desse modo, a identidade feminina deve ser vista como um constructo complexo, que envolve

amor, sexualidade, vida profissional e muitos outros fatores, dentre os quais a maternidade, que poderá ou não ser assumida como papel preponderante ou prioridade da vida de uma mulher (SOUZA; FERREIRA, 2005).

Por muito tempo, a crença de que gerar a vida faz parte da natureza da mulher tornou a maternidade intrinsecamente vinculada à identidade feminina. Existem relatos mitológicos (como, por exemplo, o mito grego de Deméter, a vida da deusa Iansã) que, ao associar às imagens de mãe e mulher de forma indissociada, contribuiu para que, historicamente, a maternidade viesse a ser considerada uma vicissitude biológica, isto é, uma decorrência natural e inevitável à condição feminina, ainda que saudável e, muitas vezes, desejável (SOUZA; FERREIRA, 2005).

Apesar de grandes avanços e conquistas que as mulheres alcançaram ao longo dos anos, ainda persiste no imaginário popular a idéia: de que “a mulher verdadeira é aquela que é mãe”. Nesse sentido, também continua atribuindo-lhes tarefas ditas como



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

femininas de modo a sobrecarregá-la, muitas vezes com tripla jornada de trabalho, pois além de trabalhar no espaço público terá que cuidar da casa, dos filhos e do marido.

É possível verificar que, a questão biológica de ser mãe ainda é fortemente ancorada nas teorias e relações sociais vigentes, sem valorização das questões de gênero, que considera o sexo feminino frágil, sem direito de viver sua sexualidade livremente, vinculando esta diretamente a reprodução.

Diante da construção sociocultural direcionada ao amor materno, acreditamos que as mães terão dificuldades em expressarem sua indisponibilidade ou dificuldade em permanecer durante as 24h no Método Canguru-MC. Essa questão associada às vantagens reconhecidas do MC contribui para que as mães sintam que tem obrigação compulsória dessa permanência além da cobrança que reforçam essa permanência que recebem de outras pessoas como o marido, a sogra, mãe e profissionais de saúde.

A assistência e cuidados neonatais associados ao MC reforçam seu valor para

a sobrevivência, e redução da morbidade dos neonatos. Acreditamos, contudo, que a observância das questões individuais que possam facilitar ou atender às necessidades singulares de cada mãe são elementos primordiais para a autodeterminação e autonomia, importantes para alcance da cidadania.

Tendo como objeto o significado para as mães sobre sua vivência no Método Canguru, e diante da problemática apresentada passamos a nos questionar: Que significado tem para mães a sua vivência no Método Canguru? Para responder a este questionamento, este estudo tem o objetivo de analisar o significado da vivência de mães no MC.

Essas construções são elementos constitutivos do nosso pensar e agir, fortalecido pela afirmativa de que ‘ser mãe é inato’, que já ‘crescemos com esse desejo’. De modo geral, não temos bagagem cultural para nos contrapor e/ou identificar que esse desejo é moldado e construído culturalmente. Além dessa afirmativa está presente no imaginário popular que ‘ser mãe é padecer no paraíso’, que a mãe deve sofrer em prol do



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

(a) filho (a), dentre outras construções e reflexões extensivas ao sexo feminino.

Dessa forma, se faz necessário pensar, refletir e adquirir saberes sobre essa construção de gênero desde a infância, sendo necessária a abordagem desses conceitos na escola, na comunidade, em família, na sociedade de modo geral, as quais contribuirão para minimizar e/ou reduzir a discriminação de gênero tão presente em nossa sociedade, difundindo os direitos e deveres igualitários entre homens e mulheres.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. Desenvolvido em duas Instituições Públicas com leitos obstétricos no Município de Salvador-Ba, denominadas Instituição A e Instituição B. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, sob Parecer de nº 309606 e CAA de nº16367713. 4.0000.5531. A pesquisa foi iniciada após apresentação, leitura e assinatura do termo de consentimento livre

e esclarecido pelas mães, em concordância com o estudo.

A fase de produção empírica dos dados ocorreu durante os meses de julho a dezembro de 2013 em três momentos, utilizando-se para cada um técnica específica observação participante, entrevista semiestruturada e oficinas de reflexão. A observação se deu nos turnos da manhã ou tarde em ambas as instituições, conforme a disponibilidade da pesquisadora, sendo registrada em diário de campo. Após cada visita fazíamos o registro em local apropriado, fora da unidade, com rigor técnico, de modo a ter informações fidedignas que retratassem as situações observadas com pertinência para o objeto de estudo.

As oficinas de reflexão aconteceram em dois encontros, no próprio espaço de cada unidade canguru (A,B), mediante acordo com a Enfermeira coordenadora das unidades, que viabilizou a realização das oficinas no mesmo espaço da Unidade Canguru, com a participação livre das mães, que estariam mais tranquilas e despreocupadas, por permanecerem junto a seus/suas filhos/as. Ao nosso lado,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

contamos nas oficinas com o apoio de uma estudante de graduação e a da nossa orientadora.

As entrevistas às mães foram realizadas pela pesquisadora em local reservado, foram gravadas a fim de garantir a precisão dos depoimentos, guiado por um formulário semiestruturado para obtenção dos dados de identificação, sociodemográficos e obstétricos das participantes, seguido da entrevista, norteada pelas questões: “O que significa para a senhora está aqui na unidade Mãe Canguru?; Fale-me sobre as facilidades e dificuldades de sua permanência na unidade Mãe Canguru. A senhora tem alguma sugestão em relação ao funcionamento da unidade Mãe Canguru?”.

Participaram desta pesquisa 16 mães, 10 da instituição A e 06 da instituição B que cumpriram os critérios de inclusão: ter idade mínima de 18 anos; estar em condições físicas e psicológicas para serem entrevistadas e/ou participar das oficinas e ter no mínimo uma semana convivendo em uma enfermaria do MC de forma integral junto com seu/sua RN.

Para manter o anonimato, as mães entrevistadas receberam uma codificação conforme sua participação em entrevistas e oficinas, respectivamente: Entrevistas- E1, E2... e oficinas- Of .A (Instituição A), Of. B (Instituição B). Após o consentimento, as participantes procederam à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), levando em consideração os critérios da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que diz respeito à pesquisa envolvendo seres humanos. Para operacionalizar a análise e tratar as informações coletadas, resultantes da observação, entrevista e oficinas optamos por utilizar a análise de conteúdo, modalidade temática norteada por Bardin.

Este artigo é parte da dissertação de mestrado Intitulada “Significado da vivência de mães no Método Canguru”, Verifica-se que, ao dar voz às mães, essas tem a oportunidade de expressar seu reconhecimento ao alcance dos objetivos do método e o significado da convivência delas na enfermaria canguru.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

ATENDENDO ÀS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MC

www.redor2018.sinteseeventos.com.br



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O modelo de mãe que vemos nos dias atuais, amorosa e dedicada começou a ser moldada no final do séc. XVIII. O papel da mãe nem sempre foi visto dessa forma, como um amor instintivo e que toda mulher nasceu para ser mãe, foi necessário uma modificação radical por mais de 200 anos para que essa ideologia fosse absorvida (LINS, 2012).

Nessa abordagem Badinter (1985) relata que, após insistentes discursos de Rousseau, dos moralistas e médicos para modificarem os hábitos e costumes das mulheres durante o séc. XVIII, o amor materno se distanciou um pouco do caráter biológico vigente e passou a se configurar como uma obrigação ou dever moral para com a sociedade. Nesse sentido, a mulher deveria se responsabilizar-se com a educação de seus(suas) filhos(as), visto ser a única capaz de exercer tal papel.

Neste estudo pudemos observar em vários momentos que a maioria das mães, mesmo com vários problemas relacionados a permanência na unidade canguru, referiu estar satisfeitas em está ao lado de suas crianças, embora ansiosa, com saudades de suas casas, marido e de outros (as) filhos (as).

Segundo Lins (2012), a mulher se anula buscando atender ao imperativo social de ser boa mãe e progressivamente suas responsabilidades aumentam, chegando a não ter mais tempo livre, e se conformam em sacrifica-se para que seu filho viva bem ao seu lado.

Para as mães, o mais importante é priorizar o bem-estar de sua criança, muitas vezes incompatível com seu planejamento de vida (BRAGA, MACHADO, BOSI, 2008). Os depoimentos a seguir referendam esses enunciados,

[...] eu fiquei por ele, ele precisava, faria tudo de novo [...]
(E 1).

[...] eu estou aqui por ele entendeu? Então todos os obstáculos por causa dele eu estou aqui (E 13).

Esta forma de maternas contribui para formação do vínculo, fortalecimento do amor construído, de modo incondicional, fortemente influenciado pelas questões de gênero, socialmente



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

construídos, e que fortalece o dever da mulher cuidar dos(as) filhos(as).

Como afirma Badinter (1985), o amor maternal não é um sentimento próprio da condição de ser mulher, não é um determinismo, mas algo que foi construído socialmente desde o princípio do séc. XIX.

Segundo Chodorow (1990), a maternação das mulheres, bem como a organização dos cuidados maternais e paternais, está fundamentalmente integrada na organização social do gênero. Assim sendo, as mulheres são predispostas psicologicamente para a maternação por conta da situação que ocorre desde o seu desenvolvimento inicial, no qual crescem, convivendo com discursos e exemplos de outras mulheres que vêem na maternagem algo sublime.

No estudo, muitas mães repetiam que independiam de sua vontade, que estavam ali apenas por causa da criança, razão esta, que superava seus problemas e dificuldades. Como pode ser expressada nessas falas,

[...] chorava bastante, só que aí as pessoas lá dentro ficaram assim falando você quer desistir?

Seu filho vai voltar pra semi(unidade semi-intensiva) e tal , e quando eu pensava que meu filho ia voltar para lá, aí não, e eu fui forte e aquilo foi me dando força e até hoje, se for passar essa semana e a outra, pra mim não importa, eu estou com ele e eu sei que a gente vai sair e não vai ficar aqui pra sempre (E₁₂).

[...]Tem horas que dá vontade de largar tudo e voltar, mas a gente pensa que a gente tá aqui não é nem pela gente, mas é pela criança. Tem horas que me dava vontade de pedir pra ir para casa, mas depois eu pensava nele, não vou ficar, pois quem precisa de mim é ele (E₃).

[...] Quer dizer que eu tenho que ficar por causa dele, mas que eu gosto não gosto não [...] (Of._b; E₃).

Neste estudo, em ambas as Instituições os pais pouco apareciam no horário de visita e mesmo em tão pouco tempo que permaneciam na unidade, não se envolviam e não eram envolvidos nos cuidados das crianças. Compreensivo diante do novo, do desconhecido, restando, portanto, a tarefa apenas para as mães, o que provavelmente se repetirá no domicílio, e desta vez sem o apoio dos (as)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

profissionais de saúde e que se somarão às tarefas domésticas, definida na sociedade e na maioria dos espaços domésticos como atividade de responsabilidade da mulher.

Tal fato é confirmado no estudo de Arivabene e Tyrrel (2010), no qual, ficou explícito que a não aderência dos pais e demais familiares ao MC dificulta a relação entre a mãe e outros entes sociais.

Segundo Gomes e colaboradores (2007), é de suma importância uma nova concepção da família, fundamentada em relações mais simétricas entre homens e mulheres, entre pais e filhos, a qual permita uma mudança na conformação dos comportamentos sociais.

Esses mesmos autores reforçam que, as relações na família são atravessadas por relações de poder, nas quais as mulheres e crianças, obedecem ao chefe da casa, ou ao homem da casa, tido como autoridade máxima no núcleo familiar. Dessa forma, o poder do homem é socialmente legitimado, seja no papel de esposo, seja no papel de pai (GOMES, et al, 2007).

É fácil compreender que essas questões de gênero ainda são fortemente

vigentes nos dias atuais, reforçando a idéia da procriação e o papel feminino na realização dos afazeres domésticos, socialização dos filhos(as), cuidados com outros como idosos, pessoas doentes entre outros.

Freire (2008) enfatiza que desde a década de 1920, diversos atores da sociedade, dentre eles educadores, políticos, juristas, feministas, médicos consideravam a maternidade como o principal papel social das mulheres, além de ser a essência da mulher, era também concebida simultaneamente como um instinto inerente à natureza feminina, uma missão divina e um dever social.

Para Lins (2012), até meados do Séc. XVIII, a criança era considerada como um empecilho para a mãe na vida conjugal e nos prazeres mundanos, sendo considerado deslegante o cuidar de uma criança. A maioria das vezes às crianças eram entregues a uma ama de leite logo após o nascimento, ficando com essas até os 4 ou 5 anos de idade, ‘isso quando sobreviviam’.

Afirma que, a mãe da contemporaneidade começou a ser



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

moldada no final do Séc. XVIII, através de uma inovação mental, em que a imagem da mãe, seu papel e sua importância se modificou de forma radical. Essa nova ideologia maternal passou por uma árdua luta de mais de 100 anos, para vir a ser absorvida por essas mulheres e para a sociedade em geral (LINS, 2012).

Dessa forma, o papel que hoje atribuímos às mulheres e mães, antes não tinha a real importância que lhe damos atualmente, pois às mães tinham seus filhos(as) e quem cuidava eram as amas de leite de forma muito precária. As crianças viviam em péssimas condições de vida, sendo criadas por pessoas que não tinham nenhum parentesco e pouca afeição, quando chegavam a sobreviver, era de forma muito desumana. Essa afirmativa tem respaldo nos escritos da autora Elizabeth Badinter (1985), O mito do amor materno, que descreve como se deu a construção desse amor.

Apesar de diversas mudanças ocorridas em relação à maternagem, a maternidade continua sendo afirmada como um elemento muito forte da cultura e

identidade feminina pela sua ligação com o corpo e com a natureza (SCAVONE, 2001).

Faz-se necessário uma mudança de postura dos (as) profissionais de saúde e até mesmo das mulheres em questão, incentivando a participação de forma mais ativa dos homens nesses cuidados, além de reforçar o empoderamento dessas mulheres a respeito das relações desiguais de gênero. Para isso, essa aproximação com as construções de gênero tem que começar no ensino fundamental.

Dessa forma, o espaço da escola, além da família e ambiente da saúde são locais importantes para formação dessas crianças, incentivando desde cedo à igualdade social, nas relações entre homens e homens, mulheres e mulheres, e homens e mulheres. Sendo esta abordagem incentivada pelo MEC através da lei 12.852 de 05 agosto de 2013, a qual propõe inclusão de temas sobre questões étnicas, raciais, de deficiência, de orientação sexual, de gênero e de violência doméstica e sexual praticada contra a mulher na formação dos profissionais de educação, de saúde e de segurança pública



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

e dos operadores do direito (BRASIL,2013).

Segundo Scavone (2001), a maternidade moderna tem como ideal uma relação familiar com equidade de gênero na responsabilidade parental, porém a sua concretização ainda está longe de ser alcançada em todos seus aspectos, pois ela pressupõe uma relação igualitária entre os sexos. Para alcançar esta equidade muitos elementos estão em jogo e, entre eles, a emergência de uma nova sensibilidade social que derrube o determinismo biológico (SCAVONE, 2001).

O papel atual das mães para o cuidado dessas crianças é de grande relevância e de suma importância para a sobrevivência dessas, especialmente das prematuras que requerem um cuidado especial e diferenciado, contudo é importante ressaltar que este cuidado deverá ser compartilhado com o pai e contar com suporte e apoio familiar.

O pai e demais familiares são também atores importantes para a continuidade desses cuidados, pois como mencionado, às mulheres são muitas vezes sobrecarregadas não restando tempo para

cuidarem de si. Se faz necessário um olhar diferenciado para essas mães, no sentido de lhe oportunizarem uma auto valorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência e cuidados neonatais associados ao MC reforçam seu valor para a sobrevivência e redução da morbidade de neonatos. Ao lado disso, a observância das questões individuais que possam facilitar ou atender às necessidades singulares de cada mãe, além de significativo para essa sobrevivência, são elementos primordiais para sua autodeterminação e autonomia, importantes para alcance da cidadania.

O uso de oficina de reflexão, entrevistas e observação participante para coleta do material empírico foram adequados e nos permitiu obter conhecimento sobre o significado da vivência de mães internadas em unidade canguru.

A frase construída e socializada de que ‘ser mãe é padecer no paraíso’ nos parece ter sido incorporada pela maioria das mães, pois mesmo relatando várias dificuldades para sua permanência na unidade canguru, refeririam estarem satisfeitas, pelo fato de poder está ao lado



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de suas crianças, embora ansiosas, com saudades de suas casas, marido e de outros (as) filhos (as).

Este fato é perfeitamente compreensível, pois nos é ensinado ao longo de nossa vida, seja na escola, na convivência em família e com outras pessoas que é dever das mulheres cuidarem das casas, dos filhos e do marido, devendo se sacrificar pela família. Diante de tal imperativo, aquelas que fugirem desse padrão serão taxadas como péssimas mães, mulheres desalmadas, dentre outros adjetivos.

Os (as) profissionais de saúde poderão fornecer suporte às mães que se encontram no MC, mediante sua qualificação e formação sobre as construções sociais de gênero, a partir da qual, esses (as) adquirirão ferramentas teóricas que lhes dará oportunidade para ‘empoderar’ essas mães, em relação à vários elementos que envolvem as questões de gênero. Essa assertiva deve contemplar não somente os ambientes hospitalares, mas outros espaços sociais como escolas, centros comunitários, grupos de jovens

dentre outros, que contribuam com a formação do (a) cidadão (a).

Sendo assim, é de suma importância a formação de professores com abordagens de gênero, pois mesmo vivendo em pleno séc. XXI as crianças continuam reproduzindo que o mundo da mulher é o privado, doméstico e o dos homens é o espaço público, sem fronteiras. O que por sua vez tem se refletido no aumento da mortalidade de jovens do sexo masculino por causas externas, violência doméstica principalmente contra a mulher, dentre outras intercorrências.

O objetivo da formação de professores em gênero, é dar-lhe subsídio teórico para identificar as construções de gênero presentes na educação familiar, com a finalidade de diminuir as desigualdades sociais, através de uma formação não sexista e afirmação da igualdade entre mulheres e homens.

A construção social dos papéis, estereótipos e desejos de maternidade e paternidade são temas construídos na família e escola, os quais precisam serem discutidos amplamente, diante da



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

necessidade de serem revisitados em busca de uma sociedade mais igualitária.

Nesse contexto, a participação e envolvimento do homem no cuidado com os (as) filhos (as) precisa ser incentivada, modelo este que deve ser visto pelas crianças nas suas casas e reforçado pela orientação da família e professores (as) na escola, dentre outros aspectos que inclui a preparação da mulher para o espaço público e privado de forma semelhante as oportunidades destinadas ao homem.

REFERÊNCIAS

- ARIVABENE, João Carlos; TYRRELL, Maria Antonieta Rubio. Método mãe canguru: vivências maternas e contribuições para a enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. v. 18, n. 2, [07 telas] mar-abr, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>, Acesso em : 15/12/2012
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor Conquistado: O mito do Amor Materno**. Tradução por Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Atualizada. Tradução por Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 71, 2011
- BRASIL, Lei 12.852 de 05 de agosto de 2013. Presidência da República. Brasília, 2013
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução 466/2012. Sobre pesquisa envolvendo seres humanos.
- BRAGA, Danielle Freitas; MACHADO, Márcia Maria Tavares; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Amamentação exclusiva de recém-nascidos prematuros: percepções e experiências de lactantes usuárias de um serviço público especializado. **Rev. Nutr.**, Campinas, 21(3):293-302, maio/jun., 2008.
- CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade, Uma Crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro (RJ): Rosa dos Tempos, 1990
- FREIRE, Maria Martha de Luna. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008.
- GOMES, Nadielene Pereira; DINIZ, Normélia Maria Freire; ARAÚJO, Anne Jacob de Souza Araújo; COELHO, Tâmara Maria de Freitas. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. **Acta Paul Enferm**, v. 20, n.4, p.504-8, 2007.
- LINS, Regina Navarro. **A Cama na Varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências**. Ed. Rev. E ampliada. 7 ed. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012
- MANSUR, Luci Helena Baraldo. Experiências de Mulheres sem Filhos: a Mulher **Singular** no Plural. **Psicologia ciência e profissão**, v. 23, n. 4, p. 2-11, 2003.
- MELLO, Ivana S. Paiva Bezerra. Considerações Sobre o Amor Materno. **Interlocuções (UNICAMP)**, v.1, n.1, p.79-100, 2002.
- SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface Comunic, Saúde, Educ**, v.5, n.8, p.47-60, 2001.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

SOUZA, Daniela Borges Lima; FERREIRA, Maria
Cristina. Auto-estima pessoal e coletiva em
mães e não-mães. **Psicologia em Estudo,**
Maringá, v. 10, n. 1, p. 19-25, jan./abr, 2005.